



MADEIRA, Ana Isabel; CABELEIRA, Helena; MAGALHÃES, Justino (org.) (2022): *Memórias Resgatadas, identidades (re) construídas: experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais*. Lisboa: Edições Colibri/ Instituto de Educação da Universidade de Lisboa; 471 p. Ebook - file:///C:/Users/admin/Downloads/livro-memorias-resgatadas-identidades-reconstruidas.pdf

A obra representa a ponta de um iceberg profundo, rico, rigoroso e transparente sobre a forma como se pode constituir um projeto de investigação numa belíssima contribuição para a catedral do conhecimento científico.

Inspirado a partir do presente, traça um caminho objetivo: 1) resgatar o passado sem o congelar; 2) ressuscitar vivências pessoais sobre tempos significativos da vida sem as remeter para um registo individual, mas para uma memória coleti-

va; 3) dar significado a fontes escondidas ou ignoradas sem o enfoque de simples curiosidade, mas transformando-as em fontes sustentadas do conhecimento; 4) partilhar com a comunidade em geral os resultados que reforçam a identidade local e enriquecem o coletivo académico e científico pela pluralidade de contributos que apresenta.

Apesar de me procurar cingir à obra, não posso deixar de destacar cinco evidências que ficam para além da dimensão das suas 471 páginas: a) a importância do site construído —<http://memorias-resgatadas.ie.ulisboa.pt/>— não apenas pela sua beleza estética, mas sobretudo pela sua funcionalidade de consulta; b) o quadro epistemológico enriquecido em três vertentes fundamentais – a história oral; a história da cultura (imaterial); a história da educação no seu significado para o presente; a história das identidades individuais e coletivas; c) o significado da história local para o reforço dessas identidades; d) a capacidade de comunicação diversificada e democrática (porque acessível a diferentes públicos) que o projeto foi materializando ao longo do seu percurso e que está muito para além da obra agora editada; e) a colaboração interinstitucional (universidade e politécnico) e internacional para uma maior solidez científica, mas também para mostrar que é possível cooperar independentemente do espaço e da filiação, académica ou científica.

O interior da obra é um recheio para ir consultando, mais do que para ler de um fôlego. Apesar de subdividida em três capítulos - 1 – História e Memória da Educação em Meio Rural (p. 53 a 205); 2 – Património e Lugares de Cultura na Região do Pinhal Interior Sul (p. 209 a 349); e 3

– Educação e Comunidades Educativas em Territórios de Baixa Densidade (p. 353 a 468) – qualquer um deles deve ser lido com o apoio da “Apresentação do Projecto MRIR” (p. 9 a 43) que explicita a sua coerência, diversidade, perspectivas, quadros conceituais e resultados alcançados ou em construção contínua. Essa parte desafia-nos a não sermos indiferentes, mas a partir dele, elaborarmos outros caminhos que foram abertos e percorridos, a par de outros que a nossa imaginação individual ou coletiva pode antever. Bastará pensar noutro espaço para que tudo possa fazer sentido, no mesmo tempo e com protagonistas e fontes idênticas. Nesse enfoque, o resultado deste projeto agora transformado em livro, obriga-nos a olhar para a comunidade onde estamos (científica ou vivencial) e responsabilizar-nos coletivamente pelas perdas que a nossa distração ou incúria remetam para o anonimato ou esquecimento. Simultaneamente instigamos para a nossa vertente cívica e de empenhamento na preservação da memória, do património, da cultura (imaterial e de uma comunidade pensante que se realiza e concretiza através de um coletivo que preserva a identidade de cada um.

Cada um dos capítulos apresenta-se, na riqueza coletiva do conjunto de artigos, com uma diversidade temática que vai da “revisão de literatura” (sempre com uma bibliografia muito atualizada) (artigo da Ana Isabel Madeira, p. 53 a 70), à comparabilidade de análises de diferentes espaços (artigo de Justino Magalhães nas p. 71 a 95), à atualidade da riqueza heurística que a história da educação nos tem trazido nas últimas décadas (ver artigo de Juri Meda, por exemplo, p. 193 a 205), ou o significado científico, epistemo-

lógico e prospetivo do que significou (no âmbito do projeto), mas também do que pode significar a “criação de um banco de memórias da educação em meio rural” como tão bem nos demonstra a Helena Cabeleira (p. 99 a 192). Designado de “História e Memória da Educação em Meio Rural” esta parte revelar-se-á fundamental para quem desejar avançar nesta área em futuras investigações. Ele corporiza o **Eixo memória** “com entrevistas orais semi-estruturadas em quatro campos de problemáticas: a) O tempo-espaço da escola; b) O percurso de escolarização; c) As relações entre os modelos de socialização e as aprendizagens escolarizadas; d) os sistemas de transmissão de saberes extra-escolares (como afirmam nas p. 18 e 19). Ver file:///C:/Users/admin/Desktop/ebook-mrir-historias-com-vida.pdf que retrata e materializa esta parte do projeto.

Na segunda parte do livro, sob a designação de “Património e Lugares de Cultura na Região do Pinhal Interior Sul (p. 209 a 352)” destacaria a sua vertente multidisciplinar sobre a noção de Património. Aqui estão presentes autores que revelaram já na sua investigação a enorme capacidade para serem vozes de referência no quadro das anteriores produções. A “história pública visual da educação” é, desde há muito o enfoque consistente e respeitado de Helena Cabeleira (artigo p. 227 a 306). O quadro conceitual enfatizado por Luiz Oosterbeek no seu texto sobre “um lugar de cultura, numa cultura em todo o lugar” (p. 209 a 226) é simultaneamente um registo de ego-história reflexivo sobre o seu tempo e o seu espaço, mas também sobre o sentido intemporal da cultura escolar e do papel da escola. Todo o trabalho distendido no tempo de Ernesto Candeias

Martins, em torno das “Histórias de Vida de Professores Primários”, habilita-o para escrever com propriedade sobre “o percurso metodológico para a construção das histórias de vida” (p. 307 a 326) que poderemos enriquecer noutras propostas suas que apresenta na bibliografia do seu artigo. As Escolas, belas ou não, mais saudáveis ou menos adequadas, é também uma das vertentes onde Carlos Manique nos habituou a escrever, trazendo agora para este projeto, um texto claro e muito ilustrado sobre “a habitação do professor primário em meio rural”. Esta materialidade do edifício, construído de raiz ou adaptado, centrado no espaço para o professor, é um contributo importante para percebermos a dignificação do seu papel, em função das políticas públicas republicanas. O texto final deste capítulo de Justino Magalhães reafirma-nos os “Arquivos e Museus Escolares como fontes de memória e educação histórica” (p.341 a 349), enriquecendo o nosso itinerário investigativo por espaços que importa conhecer, seja os de projetos realizados ou outros de ideias que nunca saíram do papel. Mas também nos interpela sobre questões do tempo presente – “O que conservar? Como informar? Como mobilizar? Como tornar significativo? O quê e como ensinar?”.

A última parte — Educação e Comunidades Educativas em Territórios de Baixa Densidade (p. 353 a 470) — é um contributo interdisciplinar e intemporal. A geografia, a sociologia, a história, mas também, o currículo, a formação de professores, o envelhecimento ou a educação ao longo da vida, são vertentes científicas e temas que vêm multiplicar perspetivas e fornecer questionamentos muito importantes no quadro da filosofia do projeto

MRIR, já que transportam-nos para uma intemporalidade de problemas que chegam aos nossos dias. Se David Justino e Susana Batista nos permitem olhar mais para o presente nos seus “Territórios Educativos Resilientes-Uma abordagem a partir de cinco municípios do Médio Tejo” (p. 373 a 391) onde a visualização gráfica e cartográfica nos permitem evidências do tempo presente, Carlos Manique na sua “Escola em Meio Rural e Medidas de Concentração Escolar” acrescenta-nos, também para os inícios do século XXI importantes indicadores de concentração escolar no “Pinhal Interior Sul” articulando com dados sobre alunos matriculados, retidos ou desistentes, que permitem-nos conhecer melhor o ponto de chegada do contexto de análise educativa que este projeto procurou evidenciar. Clara Cruz em “Dimensões locais do Espaço Público da Educação: (Re)pensar o currículo e a formação de professores” (p.413 a 432) num artigo que dialoga muito bem com o texto inicial de António Nóvoa sobre “O Espaço Público da Educação” (p. 45 a 49), e Raquel Henriques que olha para o “Território” como potencialidade para a “construção de currículos de História Local” (p.433 a 444) remetem-nos para olhares temporalmente mais próximos, mas que só podem ser percebidos na densidade temporal de projetos como este, em torno de um espaço que ganha dignidade de significância, na sua análise científica distendida no tempo e nas visões “disciplinares ou científicas”. Helena Cabeleira e Ana Isabel, individualmente ou em conjunto, trazem-nos ainda dois contributos sobre o enfoque – “A Escola e a crise do Mundo Rural: Portugal visto de cima, do centro e a partir do local” (p.353 a 374) – ou sobre a resposta educativa face ao envelhecimento

inexorável da população em geral, mas de alguns espaços em particular (artigo das duas autoras p. 445 a 470).

Quatro anos intensos de investigação, perturbados por pandemias imprevistas, mas contando com a resiliência do grupo de investigação e a generosidade “de toda a massa humana absolutamente espantosa que encontra[ram] nesse território chamado Pinhal Interior Sul” (da contra-

capa) permitiu-nos ter hoje no papel e no espaço virtual [projeto e livro(s)], uma obra imprescindível para mais uma vez reite-rarmos o papel da História da Educação na construção de um presente mais comunitário, mais identitário e mais significativo.

Luís Alberto MARQUES ALVES
CITCEM-FLUP